

OS MANIFESTOS ROSACRUZES DA AMORC E AS CONVERGÊNCIAS COM A CARTA DA TRANSDISCIPLINARIDADE: UMA PERSPECTIVA ÉTICA E DE DIREITOS HUMANOS

Prof. Dr. Luiz Eduardo V. Berni¹

APRESENTAÇÃO

Akenaton foi um revolucionário, ousou contestar o *status quo* de sua época lançando as bases de uma religião monoteísta. Ele é tido como o primeiro Imperator tradicional da AMORC.

No século XVII, quando a Europa era dominada pelo fundamentalismo religioso católico, os Rosacruzes surgiram no cenário social e se manifestaram criticamente por meio de três documentos públicos – Manifestos - que ajudaram a sacudir as bases da sociedade daquela época, unindo-se a outros movimentos que clamavam por mudanças sociais.

No início do século XX, H. S. Lewis revolucionou o Esoterismo Ocidental, ao fundar a AMORC e oferecer seus ensinamentos tradicionais por correio, divulgando-os no que hoje é conhecido como Ensino a Distância (EaD),

1 Psicólogo (CRP06-36863), mestre em Ciências da Religião (PUCSP), doutor em Psicologia (USP). Pesquisador Sênior e Orientador de Pesquisa da Universidade Rose-Croix Internacional – Núcleo São Paulo (URCI-NSP); membro fundador do Centro de Educação Transdisciplinar (CETRANS).

além de servir-se da mais alta tecnologia da época – o rádio – para comunicar-se com o público. Esse trabalho teve sequência com Ralph M. Lewis que internacionalizou a AMORC.

No século XXI a Ordem se manifesta publicamente, lançando diferentes documentos – Manifestos – apresentando seu posicionamento crítico frente ao momento social. O atual Imperator, Christian Bernard, em 2012, discursou no Congresso brasileiro, durante a Conferência das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável (Rio + 20) conclamando a sociedade e os membros da AMORC à ação, frente as desigualdades reinantes no planeta que levam a insustentabilidade da vida e que, portanto, precisam ser obrigatoriamente resolvidas.

Este artigo analisa os Manifestos produzidos pela AMORC no século XXI, *O Positio Fraternitatis Rosae Crucis* (AMORC, 2001), *Appellatio Fraternitatis Rosae Crucis* (AMORC, 2014), e *Novas Bodas Alquímicas* de Christian Rosenkreutz (AMORC, 2016) colocando-os em diálogo com a Carta da Transdisciplinaridade (UNESCO, 1994) pela perspectiva da Ética e dos Direitos Humanos conforme a Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU, 1948).

Para iniciar essa reflexão apresentam-se os fundamentos do Esoterismo Ocidental como base dos ensinamentos da AMORC; traça-se um recorte histórico apresentando os Manifestos do Rosacruzianismo do século XVII por meio de autores da Ordem, principalmente Christian Rebis (2003). Neste sentido o trabalho é um reflexo da linha de pesquisa “Estudo Intrínseco dos Ensinamentos

Rosacruz²” desenvolvida na Universidade Rose-Croix Internacional, Jurisdição de Língua Portuguesa, Núcleo São Paulo (URCI-NSP). Depois se estabelece uma distinção entre Moral, Direito e Ética para orientar a análise que segue fundamentada pela Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Como método de trabalho usou-se o Método de Análise de Conteúdo (CAMPOS, 2004; CAVALCANTE, R.B, CALIXTO, P. e PINHEIRO, M.M.K, 2014) levantando-se a estrutura hermenêutica do texto, sem se focar, todavia, demasiadamente neste tópico, mas centrando-se na análise de conteúdo cotejado pela Ética e Direitos Humanos. Ao final de cada documento analisado, apresenta-se uma síntese do mesmo.

1. AS RAÍZES DO ROSACRUCIANISMO E O ESOTERISMO IMAGINAL

Christian Rebis (2003) situa da seguinte forma a Ordem Rosa-Cruz:

Para alguns, a Ordem da Rosa-Cruz é tão antiga quanto o mundo; para outros nasceu na época dos faraós e teria depois colhido a herança dos pitagóricos, dos mistérios de Elêusis, dos magos da Pérsia, dos essênios, dos templários e da Ordem do Tosão de Ouro. Alguns veem em sua emergência um complô dos jesuítas. Várias pessoas pensam que a Ordem não existe e que se trata de uma lenda inventada no século XVII por um círculo de intelectuais, para forçarem seus contemporâneos a se questionarem quanto aos desmandos de sua época. Enfim, há os que consideram que se trata de uma fraternidade pertencente aos mundos invisíveis, composta de “Superiores Incógnitos” que velam pelo destino da humanidade. (REBISSE, 2003, pág. 13)

2 Essa linha de pesquisa visa reconhecer e valorizar a produção de conhecimento interna da AMORC.

O Rosacruzianismo se insere do ponto de vista da Ciência da Religião no corpo de conhecimentos do “Esoterismo Ocidental”. O termo vem do grego *esôterikos* que, numa tradução literal, significa “para o interior”, portanto, pode-se afirmar que o esoterismo visa um conhecimento interior, enquanto que o exoterismo (com x) trata de um conhecimento “exterior”. Na verdade, parece tratar-se mais de uma “abordagem”, uma forma de compreender o mundo, do que um sistema teórico fechado em si.

O fato de tratar-se de uma escola própria do Ocidente é também relevante, pois a conecta diretamente com o Cristianismo, uma vez que alguns compreendem que a Tradição Primordial, ou a Filosofia Perene, conceito renascentista, faz referência à “Queda”, ou seja, aos conhecimentos que vem sendo acumulados pela humanidade desde que Adão saiu do Paraíso. Os textos mais relevantes dessa “Tradição” estão reunidos no *Corpus Hermeticum*, uma coletânea de textos misteriosos atribuídos ao sacerdote Hermes Trismegisto (Idem pág. 17-18).

Para aqueles como Harvey Spencer Lewis, que atribuíam os fundamentos do Rosacruzianismo, no caso da AMORC, às Escolas de Mistérios do antigo Egito, Akhenaton tem uma relevância estruturante, visto ter introduzido a noção de monoteísmo de “Ra” no contexto politeísta da cultura egípcia. Assim, essa tradição teria se perpetuado desde daquela época até os tempos atuais, como uma tradição oral.

Mas o conhecimento veiculado por Akhenaton era mais antigo ainda, reportava-se ao Antigo Império ao deus Thot, o mensageiro dos deuses, herdado na cultura grega

como Hermes... (Idem, pág. 19). Assim, nas “Escolas de Mistério” ou “Casas de Vida” o conhecimento esotérico era discutido com um grupo seletivo de iniciados.

Deste modo, nessa abordagem – Esoterismo Ocidental – vai sendo tecida numa teia “imaginal” (PAUL, 2000) articulada por fatos históricos, mitos, e conhecimentos, que compõem esse grande movimento que atribui sentido à vida de milhares de pessoas, amparando a visão que têm do mundo.

A AMORC celebra essa articulação anualmente com duas festividades místicas: a antiga “Festa da Pirâmide”, hoje conhecida como “Cerimônia *In Memoriam*”, uma cerimônia aberta ao público realizada normalmente em setembro de cada ano e, num ritual privativo dos membros, o “Ritual Pitagórico”, realizado em fevereiro (AMORC, 2000). Esse elemento imaginal aparece também de forma contundente na contagem do tempo mítico, que faz com que os Rosacruzes da AMORC em 2016 estejam no ano Rosacruz 3369.

2. OS MANIFESTOS NO ROSACRUCIANISMO HISTÓRICO

O Rosacrucianismo histórico surgiu efetivamente no século XVII. Tratou-se, entretanto, de um movimento que se deu em decorrência de uma série de fatores sociais que o precederam. Movimentos ocorridos nos três séculos precedentes que refletiam uma crise moral no curso na sociedade europeia.

Primeiro foi o “cisma do Ocidente” no século XIV, em 1378, a Igreja católica passou a ter dois papas: um em Avignon, Clemente VII, e outro em Roma, Urbano VI, situação que perdurou até o século seguinte. Com o advento da imprensa no século XV as ideias passaram a circular de forma mais ágil; por fim, no século XVI com a Reforma Protestante o caldo crítico estava estabelecido contra os desmandos da poderosa Igreja Católica Romana (REBISSE, 2003).

Evidentemente, tudo que se pode afirmar neste contexto está muito ligado ao poder mundano, e, portanto, ao caráter exotérico da religião, sobretudo no que dizia respeito à moral e ao dogma, ou à dimensão do *religio*³. As reformas sempre clamaram pelo sentido esotérico da religião, ou seja, por um sentido que pudesse levar os fiéis ao *religare*, ou à conexão com o Sagrado (BERNI, 2016).

As reações da Igreja Católica contra os “protestantes”, vistos normalmente como hereges, foram sempre duras, fortes e de longa duração. A inquisição é, sem dúvida, uma das maiores barbáries fundamentalistas que se tem conhecimento⁴. Para dimensionarmos o poder e a longevidade dessas determinações contra os reformistas, a Congregação do Index, encarregada de publicar um catálogo com os livros proibidos, só foi extinta em 1966! (REBISSE, 2003, pág. 65).

3 O termo religião hoje pode ser compreendido por três palavras de origem latina: a) *Religio* “a serviço de Deus”, fonte original do termo; b) *Religere* “obrigação, compromisso com Deus”, fonte da moral; c) *Religare* (neologismo) “vivência em Deus”, fonte do êxtase.

4 O agnosticismo teve origem durante esse período.

Neste contexto, não há dúvida de que o Rosacruzianismo histórico procurasse apoiar a Reforma Protestante, portanto não é por acaso que surgiu na Alemanha, pátria de Lutero, berço da Reforma. Além disso, naquela época, o resto mundo, as Américas haviam sido descobertas há apenas cem anos.

Disher (1982) afirma que a maneira impessoal e anônima de tornar pública a existência dos rosacruz foi extremamente eficaz, pois intrigou os intelectuais. Então, a questão que se colocou desde então é “quem são os rosacruz?”.

Os estudos acadêmicos atuais dão conta de que a produção de tais Manifestos se deveu a um grupo de intelectuais conhecido como “Círculo de Tübingen”; esse grupo teria se formado por volta de 1608, composto por cerca de 30 pessoas todas apaixonadas por alquimia, cabala, astrologia, naometria e mística. Dentre eles os mais conhecidos são: Johan Arndt, Johann Valentin Andreae, Tobias Hess, Abrahan Holz, o pastor Vischer, Christoph Besold e Wilhelm von Wense. Eles conceberam um projeto que complementaria a reforma de Lutero (REBISSE, 2003, pág.109).

Foram três os Manifestos publicados no século XVII: 1) *Fama Fraternitatis Rosae Crucis* (1614); 2) *Confessio Fraternitatis Rosae Crucis* (1615) e; 3) As Bodas Alquímicas de Christian Rosenkreutz (1616). O recurso básico adotado para a produção desses documentos foi a criação de uma narrativa metafórica, cunhando um discurso indireto, alegórico, que torna o texto mais enigmático e

simbólico. Do ponto de vista simbólico, há ainda um grau de complexificação estilístico crescente do primeiro para o último Manifesto⁵.

1.1 – *FAMA FRATERNITATIS ROSAE CRUCIS* (1614)

Embora seja definida a data de 1614 como a da publicação do *Fama Fraternitatis* (AMORC, 1998), sabe-se que esses textos circularam pela Europa, antes dessa data. O título original do documento era *Reforma universal e geral do mundo inteiro; com as notícias da louvável Fraternidade da Rosa-Cruz, escrita a todos os eruditos e soberanos da Europa; também uma breve resposta do Senhor Haselmayer pela qual foi ele preso e posto a ferros numa galera. Hoje publicada e comunicada a todos os corações sinceros* (REBISSE, 2003, pág. 86). No meio desse livro encontrava-se o *Fama*, um documento bastante conciso.

O *Fama* narra a viagem do patriarca da Ordem, Christian Rosenkreutz (CR), um alemão, nascido em 1378⁶. Aos 16 anos (1395) acompanha um irmão do convento, encarregado de sua educação, a uma peregrinação ao Santo Sepulcro de Jerusalém. Esse irmão, todavia, morre em Chipre e ele decide continuar a jornada sozinho, todavia acaba indo para a cidade de Damcar (Arábia Feliz) no sudoeste da península arábica. Nesse local aprende com os magos do local um conhecimento importante, especialmente em Física e Matemática, a ponto de torná-lo capaz de transcrever para o latim o Livro do Mundo. Depois

5 O mesmo acontece com os atuais Manifestos da AMORC.

6 Mesmo ano do Cisma do Oriente.

de três anos de estudos segue jornada para o Egito, depois se dirige à cidade de Fez, no Marrocos. Na cidade de Fez o que o impressionou foi o *espírito de partilha que reinava entre os homens de ciência daquela cidade, contrariamente ao que ocorria na Alemanha* (Europa): *naquela cidade CR aperfeiçoou seus conhecimentos sobre a harmonia dos ciclos da História. Compreendeu, também, que assim como uma semente contém a árvore em essência, o microcosmo, o ser humano, contém o macrocosmo* (Idem, pág. 91).

Quando CR volta à Europa, o faz pela Espanha e ali quer compartilhar seus conhecimentos com os sábios que se negam a ouvi-lo. Como se sabe a Espanha era um dos centros do catolicismo. Decepcionado com a atitude fechada dos estudiosos, volta para a Alemanha transcrevendo o conhecimento adquirido. Após cinco anos de trabalho cercou-se dos três primeiros discípulos e assim a Ordem tem seu início. CR teria falecido em 1484, aos 106 anos. Daí iniciam-se os aspectos simbólicos mais profundos dos quais não trataremos neste trabalho.

O nome do personagem – Christian – já é um excelente indicador de sua adesão ideológica cristã. O termo rosacruz que se segue não é mesmo ideológico, e ao trazer a ideia da rosa sobre a cruz enfatiza o ideal de perfeição da Idade Média.

Curiosamente neste contexto “cristão” europeu, Christian Rosenkreutz traz para a reflexão de ideais que estariam fora dessa cultura, pois a narrativa enfatiza a necessidade de a Europa aprender com a cultura árabe e africana o espírito de cooperação! O *Fama*, neste sentido, é muito mais arrojado do que os documentos posteriores, o *Confessio* e o *Bodas Alquímic*as (Idem, pág. 91).

Apesar das digressões culturais o *Fama* procurava colocar a fraternidade rosacruz como a detentora de um poder esotérico que resgataria o verdadeiro sentido da religião (*religare*) e, portanto, num contexto cristão, seria a promotora da aproximação da ciência, da mística e do esoterismo, promovendo uma reforma fundamental.

Em síntese o *Fama*, escrito em forma de narrativa mítica, faz uma crítica ao papel hegemônico da igreja católica cuja moralidade à época a afastava dos preceitos mais profundos da religião. Crítica estendida à sociedade europeia que ao estar centrada em sua própria cultura, desconsiderava a existência de perspectivas mais humanas em outras sociedades, assim propõe uma reforma geral.

1.2 – CONFESSIO FRATERNITATIS ROSAE CRUCIS (1615)

O *Confessio* é mais específico e parece querer “corrigir” alguns exageros promovidos pelo *Fama* no que dizia respeito ao enaltecimento da cultura árabe e africana, por exemplo. A “Confissão da insigne confraria do mui honrando R.C. dirigida aos homens de ciência da Europa” tinha quatorze capítulos (idem, pág.101). O contexto das informações, os rosacruzes afirmavam que o conjunto superior de sua sabedoria não tinha apenas origem nas viagens de seu patriarca, mas também num conjunto de revelações divinas (idem, pág.103) obtido por iluminação.

Este item, a iluminação, é muito importante no

contexto da AMORC, pois seu fundador, H. S. Lewis, também atribuiu a esse elemento da subjetividade humana o impulso criativo que o levou ao estabelecimento da AMORC.

O texto do *Confessio* é, entretanto, mais pessimista, com um tom milenarista, ou seja, há algo de apocalíptico no discurso. Este documento vai assumindo um caráter mais “simbólico” que o anterior, sem deixar, entretanto, de apoiar as tão esperadas reformas. Há, também, uma apologia da Bíblia, entretanto reforça muito o foco “científico”, uma vez que o documento é especialmente dedicado aos intelectuais da época. Além disso, o “documento enfatiza que a verdadeira alquimia deveria levar a um conhecimento da natureza” (idem, pág.105).

Em síntese: O *Confessio* dirige-se aos “cientistas” da época, alertando para o papel da ciência que se construía afastada das verdades transcendentais. Preconizava o fomento de um governo único para a Europa, bem como o papel da natureza neste circuito.

1.3 – AS BODAS ALQUÍMICAS DE CHRISTIAN ROSENKREUTZ (1616)

O terceiro documento é carregado de simbolismo, que não se revela facilmente, com texto absolutamente diferente dos dois manifestos anteriores. Embora como os demais tenha sido publicado sob o véu do anonimato, sabe-se que foi escrito por Johann Valentin Andreae (REBISSE, 2003, pág. 134) um dos membros do Círculo de Tübingen, e é apresentado como um “romance alquímico”.

Curiosamente há ausência dos símbolos da rosacruz no texto. A narrativa se dá no convite feito ao então ancião, Christian Rosenkreutz, para que este participe de um casamento, porém o que acontece na história é a decapitação dos noivos, uma família real! *A sequência do relato nos faz assistir a uma estranha ascensão dos convidados pelos sete andares da Torre, onde participam de operações alquímicas. Uma espécie de destilação dos despojos reais, da qual se recupera um líquido que dá origem ao um ovo branco* (idem, pág. 139). Rebisse (2003, pág. 143) interpreta o documento usando uma chave de leitura da Psicologia Analítica de Jung, fazendo uma leitura da narrativa à luz do processo de individuação.

Seja como for, a análise dos Manifestos Rosacruzes históricos, do *Fama* ao *Bodas Alquímicas* traz a nítida sensação de ser uma proposta de revisão da sociedade ocidental, introduzindo um novo elemento imaginal no tecido cultural, que se pautou pela essência do Esoterismo Ocidental, remetendo-se à Tradição Primordial.

Em síntese: O “Bodas Alquímicas” é um texto fortemente simbólico que enfatiza, de forma enigmática, o poder de uma espiritualidade profunda como elemento de autoconhecimento. Faz uma crítica à centralização do poder mundano nas mãos de um monarca colocando o autoconhecimento como diretriz para a gestão política.

3. OS MANIFESTOS DO ROSACRUCIANISMO DA AMORC

Um Manifesto é, do ponto de vista linguístico, uma declaração trazida a público a fim de apresentar de forma

persuasiva um posicionamento. Assim, quando a AMORC apresenta seus Manifestos, o faz no sentido de tornar público seu entendimento da realidade propondo soluções para os problemas encontrados.

Depois de quatrocentos anos da apresentação dos manifestos do Rosacruzianismo histórico, a centenária AMORC lançou no início do século XXI seus Manifestos, assumindo que estes sejam a continuação dos documentos históricos apresentados no século XVII, portanto, a obra não é destinada exclusivamente aos rosacruzes, mas ao público em geral e não necessariamente, ou exclusivamente, à intelectualidade.

Foram três os documentos produzidos pela AMORC: a) *Positio Fraternitatis Rosae Crucis* (AMORC, 2001) ou “O Posicionamento da Fraternidade Rosacruz”; b) *Appellatio Fraternitatis Rosae Crucis* ou Apelo da Fraternidade Rosacruz (AMORC, 2014), e; c) *As Novas Bodas Alquímicas de Christian Rosenkreutz* (AMORC, 2015).

Diferentemente do recurso linguístico adotado nos documentos ‘históricos’, os Manifestos da AMORC são produzidos em linguagem direta e não metafórica, à exceção do “As Novas Bodas Alquímicas de Christian Rosenkreutz”, assim como o “Bodas Alquímicas” do século XVII é altamente simbólico.

Faz-se mister lembrar que as formas de divulgação à época dos documentos históricos eram bem restritas, visto que a imprensa era recente; além disso o círculo de pessoas instruídas era absolutamente diminuto se considerarmos

uma população europeia com cerca de 5 milhões de pessoas. Hoje, entretanto, a história é diferente, se considerarmos que o número de letrados se expandiu significativamente, além do fato de contarmos com o ciberespaço que reduz as fronteiras e se apresenta como promotor de divulgação.

3.1 – *POSITIO FRATERNITATIS ROSAE CRUCIS* (2001)

O *Positio* é iniciado com uma breve abertura, onde, de forma humilde, se solicita ao leitor tolerância para o posicionamento que será apresentado. Na sequência retoma-se o contexto social que justificou a produção dos documentos históricos.

A razão atribuída para a publicação no presente de um documento que se assemelha ao dos Manifestos históricos é que o mundo esteja passando novamente por uma “crise existencial geral”, ou seja, em todos os campos: político, econômico, científico, tecnológico, religioso, moral, artístico, etc. fato que ameaça “gravemente” o planeta que, portanto, precisa de uma ciência ecológica para olhar tais questões. Assim, com olhar crítico a organização analisa o presente com vista ao futuro que parece preocupante (AMORC, 2001, pág. 5). Neste sentido o Manifesto traz uma crítica social semelhante a feita pelo *Fama*, afirmando o imperativo de mais humanismo e espiritualidade, pois “o individualismo e o materialismo que prevalecem atualmente não podem trazer a felicidade àquelas que legitimamente a aspiram” (idem, pág. 6).

O documento é iniciado com a exposição dos fundamentos do pensamento rosacruz que irão balizar a análise.

São nove esses eixos: 1º - **A EVOLUÇÃO** – Afirma-se que o ser humano, assim como o universo está em evolução; 2º - **A ALMA** – Afirma-se que os seres humanos são seres espirituais dotados de uma “alma” provedora da “consciência”. 3º - **A ESPIRITUALIDADE** – Afirma-se ser a espiritualidade o propósito da evolução (idem, pág. 7) afirmando-se, também, a convicção na existência de Deus (idem, pág.8); 4º - **A HISTÓRIA** – Afirma-se ser a análise histórica fundamental, entretanto, deve ser compreendida considerando-se seu caráter holístico, não fragmentado. Portanto, o contexto “atual” assemelha-se ao que se viveu no século XVII, quando da publicação dos primeiros Manifestos (idem, pág. 7), tratando-se de um período de transição; 5º - **A HUMANIDADE** – Afirma-se que o ser humano é o mais evoluído do planeta, em função “da autoconsciência e do livre-arbítrio”, mas “apenas uma célula elementar” de um corpo maior a “humanidade” (idem, pág. 7). Este tem uma alma que emana de Deus, e evolui para “compreensão do Plano Divino” (idem, pág.8). Cedo ou tarde ele se interroga sobre as razões de sua presença na Terra (idem, pág.9); 6º - **O HUMANISMO** – Afirma-se o valor do humanismo a partir do entendimento de que todos devem gozar dos mesmos direitos, respeito e liberdade; “humanismo espiritualista platônico - utópico (criação de uma sociedade ideal)” (idem, pág.8); 7º - **DEUS** – Afirma-se que “Deus existe como inteligência absoluta que criou o universo e as leis que o regem” (idem, pág.8); 8º - **CONSCIÊNCIA** – Afirma-se que a “regeneração da humanidade” é possível, em função da “convergência de consciência” e das trocas da aldeia global; (idem, pág.8). Tal regeneração só é possível se considerarmos seu caráter “ecclético” (diversidade) “e seu corolário, a tolerância” (idem,

pág.9); 9º - **A DIVERSIDADE** – Nenhuma instituição ou área do saber (política, religião, científica) detém o monopólio da verdade [nem a AMORC]. Esta deve ser considerada em sua “unidade através da diversidade” (idem, pág. 9).

Como diz o próprio nome, no *Positio* a “posição” é apresentada frente a crise vivenciada no mundo atual. Assim, clamando por um “humanismo espiritualizado” a organização se posiciona contra “o individualismo e o materialismo” sem, entretanto, negar a construção histórica, fundamental para a compreensão da realidade. Desta forma, afirma ser necessário “ler o grande livro da História com realismo e dirigir um olhar lúcido para a humanidade, este edifício feito de homens e mulheres em via de evolução” (idem, pág. 6).

O posicionamento se dá pela afirmação de um “criacionismo evolutivo”, ou seja, Deus (a Inteligência Cósmica) criou o universo, mas, após a criação o mundo, evolui de acordo com as leis que regem sua existência, estabelecidas por ocasião da própria criação, mas não mais sobre o controle do Criador (BERNI, 2010). O Ser Humano, entretanto, não é uma criação *ex nihilo por algum Criador desconhecido, mas é o resultado de uma longa evolução da vida através de seres cada vez mais complexos e sofisticados*⁷ (TOUSSAINT, 2012).

7 Esse posicionamento é fundamental e se distancia muito do fundamento da crença cristã que afirma a possibilidade de intervenção divina a qualquer momento na realidade. Nesta perspectiva de criacionismo, Deus cria, mas não controla a criação que é gerida pelas leis criadas. Neste sentido, a evolução é parte dessa complexidade de leis.

No que diz respeito ao bem-estar social, o documento enfatiza que a **política** precisa ser renovada, evitando-se qualquer posicionamento totalitário, centrado em “monologismos” que atentem contra as liberdades; portanto, o que se busca é a dialógica e o pluralismo. A democracia representativa é a melhor forma de governo, entretanto, não está isenta de tensões. Aspira-se por um governo mundial representativo (AMORC, 2001, pág. 10).

Severa crítica é feita à **economia** “que está completamente à deriva”, centrada nos fundamentos materialistas do lucro e do enriquecimento excessivo. A organização avalia que esta instituição humana age de forma totalitária sobre os seres humanos, quando deveria ser o contrário, “a economia é que deveria ser colocada ao serviço do Ser Humano, fundamentada na partilha e na consideração do bem comum” (idem, pág. 11).

A **ciência e a tecnologia** são também objetos de críticas igualmente severas, pois, centradas no reducionismo – dualismo racional - e em aspectos quantitativos, acabam atuando de forma igualmente totalitária sobre os seres humanos, além de estarem pautadas muitas vezes por objetivos econômicos escusos, que podem reforçar o sistema econômico criticado (idem, pág. 12).

Evocando o aforismo de François Rabelais (1494-1593) “ciência sem consciência é a ruína da alma” postula um perspectivismo epistemológico que possibilite o diálogo das ciências com a tradição (idem, pág. 14).

Afirma-se a decadência das grandes **religiões** ao se observarem dois movimentos: um que enfatiza o

fundamentalismo (idem, pág. 16) e outro a descrença; assim nenhuma religião detém o monopólio da fé, o que possivelmente levará ao surgimento de uma “religião universal” (idem, pág. 17).

No que tange à **moral**, o postulado abre-se para questões ambientais, evocando uma ecologia abrangente, assumindo um posicionamento para além do dogma dos comportamentos. [Moral] “se relaciona para com o respeito que todo indivíduo deveria ter para com ele próprio, os outros e o ambiente” (idem, pág. 18).

A **arte** está intelectualizada e elitista, afastando-se de sua função de tradutora do plano divino (idem, pág.20).

E assim, a relação do **Ser Humano** com a Natureza ganha relevância à medida que o documento se encaminha para seu final, sendo avaliada, entretanto, como de péssima qualidade. Trata-se de uma questão de “cidadania, ao passo que antes só dizia respeito a especialistas”, portanto, trata-se de uma questão social (idem, pág. 23). Assim, há um posicionamento contrário às metrópoles “cujo gigantismo não favorece o humanismo” (idem, pág. 25).

Concluindo-se com um raciocínio dedutivo, que “o Ser Humano [é] filho da Terra e a Terra uma filha do Universo, [logo] o Ser Humano é filho do Universo” (idem, pág. 25).

Por fim, como forma de resolução do conflito analisado no documento, apresenta-se a Utopia Rosacruz, um breve texto de afirmações positivas e integrativas sobre o conjunto de atores e fatores analisados com vistas a um futuro sustentável (idem, pág. 31).

Em síntese: Trata-se de um documento escrito em linguagem direta (dissertativo) trazendo dois elementos: 1º) procura legitimar-se como sendo a sequência dos documentos históricos à medida que se propõe a fazer uma análise comparada entre os dois momentos históricos; 2º) apresenta uma crítica a todos os âmbitos da cultura ocidental (política, ciência, tecnologia, religião, moral, etc.), propondo como resolução dos problemas o desenvolvimento de uma postura espiritualizada (utópica), humanizada, centrada no autoconhecimento, como forma de resolução dos conflitos.

3.2 – *APPELLATIO FRATERNITATIS ROSAE CRUCIS* 1614-2014

Em 2014, em alusão aos quatrocentos anos de lançamento do *Fama*, a AMORC publica seu segundo Manifesto o *Appellatio Fraternitatis Rosae Crucis* ou “Apelo da Fraternidade Rosacruz” um documento complementar ao posicionamento proposto no *Positio*. Este “apelo” é estruturado em três eixos chaves (apelos), ou chamados: a) Espiritualidade; b) Humanismo e c) Ecologia, esperando-se que algum deles possa despertar o interesse (ser ouvido) público.

O documento é iniciado situando-se o Rosacruzianismo no contexto tradicional e histórico, do mesmo modo que foi feito no *Positio*. Importante destacar que há o reconhecimento do “Círculo de Tübingen” como sendo o autor dos Manifestos históricos e, portanto, da Ordem Rosacruz (AMOC, 2015, pág. 3).

Além do *Positio*, três documentos produzidos pela AMORC são invocados para dar sustentação ao *Appellatio*.

O primeiro trata-se do “**Profecias dos Rosacruz**”, de 2011 (TOUSSANT, 2011), usado para basear todo o documento. Composto à época da circulação das “Profecias Maias” sobre o final dos tempos, que deveria ter ocorrido em 21 de dezembro de 2012, traz uma reflexão progressista frente a realidade vivida, que contém muitos elementos que são também propostos neste segundo Manifesto, porém centrando-se na temática da das “profecias”, ou antevisões do futuro, trazendo uma perspectiva positiva da humanidade frente as crises que esta continua enfrentando.

O ponto de destaque é uma visão de “planetarização”, que valoriza a diversidade, antes que uma visão de “globalização”, centrada na homogeneização de propostas, ou seja, um governo e cidadania mundiais, moeda única, ética e religião universais, língua comum e uma ecologia planetária.

Um olhar absolutamente inclusivo para as questões de sexualidade e gênero, um dos maiores focos de atrito nas disputas sobre a moral, é apresentando neste documento seminal ao *Appellatio* uma visão de “androgenismo”, a partir de um olhar tolerante e inclusivo que já havia sido defendida no passado por outros autores da AMORC,

como, por exemplo, Raymond Bernard⁸ (BERNARD, 1973, 1974).

O segundo documento, na verdade anterior ao primeiro, é a “**Declaração de Deveres do Homem**”⁹ que se pauta por afirmar os direitos humanos a partir de uma prática de ação pessoal no sentido de ser um dever promovê-los. Este documento será evocado para fundamentar o apelo ao humanismo.

8 Ao abordar a homossexualidade, Bernard apresenta um posicionamento igualmente progressista explicando tratar-se de uma orientação inerente ao desejo da pessoa, portanto, não se trata de uma anormalidade, tampouco de uma “opção” como é comum ser afirmado pelos fundamentalistas cristãos. Neste sentido as pessoas devem “aceitar-se como são” e podem e devem trilhar o caminho místico se assim o quiserem, devendo ser aceitas por todos, tendo um caminho evolutivo igual ao de qualquer pessoa (BERNARD, 1973, pág. 168-170). Quanto ao aborto e das práticas contraceptivas sua análise é igualmente contemporânea e progressista. E se dá no sentido de considerar uma questão de Saúde Pública, analisando as mortes de mulheres que decorrem por serem muitas vezes praticados em condições rudimentares. Trata-se de um ponto nevrálgico que suscita muitos debates no campo da bioética. Para o rosacruz não se trata de uma questão tabu, sendo apresentado em diferentes documentos (BERNARD, 1974, pág. 303-315; BERNI, 2010). Vale lembrar que os livros escritos por este autor refletem sua vivência mística com os mestres espirituais que orientam o trabalho da AMORC.

9 Lamentavelmente o documento traz ainda uma forma antiga de nomenclatura, pois contemporaneamente o termo genérico “homem”, que tem conotação direta ligada ao gênero masculino, foi substituído por seres humanos, que inclui os gêneros masculino e feminino, portanto, o mais adequado seria que o documento fosse denominado Declaração de Deveres Humanos.

O terceiro, **“Exortação para uma Ecologia Espiritual”** traz uma visão de integralidade dos seres humanos para com o planeta, sendo finalizado com a afirmação latina *Terra humanitas que una sunt*¹⁰, usado para fundamentar o apelo à Ecologia (AMORC, 2012; BERNARD, 2012). Tal exortação foi lida na “Comissão de Relações Exteriores do Senado brasileiro” no dia 26 de abril de 2012, como evento preparatório à Rio+20. Obtendo os seguintes comentários por parte do senador Cristovam Buarque, notório defensor da educação:

Quero parabenizar o Sr. Christian Bernard e toda AMORC, pelo poema que nos transmitiu nesta manhã, porque o seu discurso tem um estilo que vai muito além dos discursos que estamos acostumados a ouvir. Ele preenche o vazio que estamos tendo em relação à Rio+20. Essa reunião visa discutir o Planeta, mas quem virá não vai ser representante do Planeta, vai ser representante de cada país, pensando especificamente nos interesses do seu país, dos seus eleitores. A Rio+20 é uma reunião para pensar as próximas gerações e quem virá estará pensando nas próximas eleições. Então, corremos o risco de ter um diálogo entre representantes de países sem nenhum sentimento de planeta, representantes de eleitores sem nenhum sentimento de gerações. O seu discurso preenche esse vazio, porque o senhor traz um discurso em que eu listei aqui diversas vezes a palavra “Planeta”, diversas vezes a palavra “humanidade”, diversas vezes a palavra “civilização”. Ouvi mesmo a sua fala trazendo a necessidade de um novo conceito para progresso, de um novo conceito para desenvolvimento, e eu temo que a maior parte dos debates na Rio+20 vai ser sobre como continuar o mesmo progresso apenas usando um novo tipo de combustível nos automóveis, em vez de mudar a concepção de progresso civilizatório. Eu vejo o senhor trazer e repetir muitas vezes uma palavra que eu duvido que os Chefes de Estado usem, que é a palavra “espiritualidade”, que eu não

10 Terra e humanidade são apenas uma.

quero confundir com a palavra “religiosidade”, embora elas se juntem muitas vezes. Mas a espiritualidade é no sentido de transcender o momento que a gente vive e transcender o lado material, com que nos acostumamos, espiritualidade no sentido de valorizar a cultura, de valorizar a educação, acima do consumo. Então, suas palavras enriquecem muito o debate que temos tentado fazer sobre a Rio+20, Senador Mozarildo. Mas também gostei muito porque o senhor não ficou só na ideia de um planeta como se fosse uma unidade, de uma civilização como se fosse apenas uma unidade, pois o senhor lembrou que 20% vivem em condições de muita pobreza e uma porcentagem vive em condições de muita riqueza. E o senhor falou da necessidade de quebrar essa desigualdade. O que a gente sente no seu discurso, e que falta em muitos dos nossos discursos, dos políticos, é um sentimento de indignação com essa realidade, a realidade de um modelo que não pensa nas próximas gerações e que, na geração atual, não pensa na desigualdade. Então, o senhor levanta o risco de que nós não sejamos uma espécie humana suicida, que sejamos uma espécie construtiva, e nós estamos caminhando mais para um suicídio, daqui a cem ou duzentos anos, sei lá quanto tempo, do que para uma civilização construtiva, construidora. Finalmente, quero dizer que, se essa sua fala, esse *player*, como o senhor diz, se essa sua fala simboliza o pensamento Rosacruz, eu nem sabia, mas eu sou Rosacruz também (BRASIL, 2012, pág. 775).

O apelo dos rosacruzes não se dirige a uma elite, mas a todos aqueles que nele tenham interesse, rosacruzes ou não. “A crise parece que se instalou definitivamente em vários países”. O que se objetiva é expressar ideias que não são, todavia, novas, mas merecem urgente atenção. O objetivo principal da publicação é lançar um chamado para a Espiritualidade, o Humanismo e a Ecologia, as chaves para a renovação necessária à época atual.

A partir dessa introdução, apresentam-se os três “apelos”, esperando que algum deles possa ser acolhido pelo leitor:

A) O APELO (CHAMADO) À ESPIRITUALIDADE

A crise que se vive na atualidade é uma crise civilizacional, crise de sentido, portanto, uma crise espiritual, que imbrica tanto rosacruz, quanto os cidadãos em geral. As grandes religiões não respondem mais aos anseios humanos e o dinheiro (o capital) tornou-se uma “religião” (AMORC, 2015, pág. 6-7).

Os rosacruz da AMORC afirmam a importância da laicidade, “como necessidade absoluta” (idem, pág. 11-12), isto é, do respeito irrestrito a toda forma de crença, e o entendimento de que nenhuma delas deve ser usada na gestão do Estado ou da política pública (BERNI, 2016b).

Para a AMORC a felicidade reside num equilíbrio entre o material e o transcendental. Tal equilíbrio só pode ser atingido pela espiritualidade que é a “busca do sentido profundo da existência” e o despertar daquilo que há de melhor nos seres humanos – sua alma – que lhe possibilita a consciência (idem, pág. 8).

Os rosacruz afirmam sua crença em Deus como causa criadora do universo (inteligência) cuja natureza (leis) procura conhecer de forma científica, para isso instituíram, inclusive, uma universidade (URCI). “Mais do que nunca, é chegado o tempo de passar das crenças religiosas à espiritualidade, das crenças em Deus para o conhecimento das leis divinas, no sentido de leis universais naturais e espirituais” (idem, pág. 11).

B) O APELO (CHAMADO) AO HUMANISMO

Caso o apelo pela espiritualidade não convença o leitor, o Manifesto suplica ao humanismo, por entender que

todo ser humano “deve considerar a humanidade como se fosse sua família, neste sentido deve se comportar em qualquer lugar, como um cidadão do mundo, fazendo do humanismo a base de seu comportamento e sua filosofia. Assim a Terra seria a expressão viva da fraternidade, e, portanto, a paz reinaria em todos os povos” (AMORC, 2015, pág.13).

Para os rosacruzes da AMORC ser humanista é “considerar a todos como irmãos de sangue”, isso significa afirmar que compartilham o mesmo genoma e que são membros de uma única “raça”, a raça humana (sem subdivisões – cromáticas). Desta forma respeita toda a diversidade, compreendendo que por detrás da mesma está a unidade humana. Daí o lema da Ordem: “A maior tolerância, dentro da mais irrestrita independência”. É neste sentido que a AMORC congrega em suas fileiras pessoas, homens e mulheres, de todas as classes, credos e opiniões, reafirmando o aforismo de Jesus: “Amai-vos uns aos outros”. Afirmam que se ele não foi o messias, foi no mínimo um grande humanista. Desta forma, destacam que o excessivo individualismo é uma das causas das mazelas sociais, reforçadas pelos meios de comunicação que enfatizam a individualidade e privam as pessoas do convívio social. Trata-se de um paradoxo; portanto conclamam as pessoas a reaprenderem a dialogar em contato físico, “de coração a coração, ou alma para alma” (idem, pág. 14-15).

A distância que separa os mais favorecidos (minorias) dos menos favorecidos (maioria) tem aumentado em todos os países. Trata-se de um fenômeno que se dá principalmente pela má gestão dos recursos naturais e produtos da

economia, local, regional e mundial (concentração/distribuição de renda). Em termos “cármicos” pode-se afirmar que, daqui para frente, “nenhuma nação poderá prosperar sem cuidar daquelas que ainda estão em estado de necessidade”. Tudo é fruto do processo irreversível da globalização (idem, pág. 16).

O individualismo não é a única causa da falta de humanismo, os processos de automatização também o são. Portanto, é urgente que os seres humanos retomem as atividades humanas onde for possível, rompendo com a lógica “o tempo é dinheiro”. Os seres humanos se diversificam pelo grau de consciência que têm de sua natureza divina. Se não acreditar em Deus, um humanista deve acreditar na capacidade humana de transcendência. Assim, cresce o número de pessoas no mundo que clama pela justiça social, pela igualdade de direitos, etc. (idem, pág. 17-18).

c) O APELO (CHAMADO) À ECOLOGIA

O *Appellatio* afirma que não se pode ser humanista, sem ser ecologista, pois como clamar por mais humanismo sem esquecer o planeta! Se o aquecimento global não é fruto direto da atividade humana, não há dúvida de que tem contribuído para acelerá-lo. A Terra é um ser vivo e consciente, apenas os povos originários parecem ter consciência desse fato (os índios, os aborígenes e os pigmeus). A Terra está ameaçada pelo modelo econômico que desrespeita as necessidades ecológicas. Os seres humanos que tinham uma expectativa de vida ascendente começam a vivenciar uma estagnação, ou seja, a qualidade

de vida declina, porque os alimentos não são saudáveis, e o ar e água estão poluídos. Além dos campos eletromagnéticos que circulam as pessoas em função das tecnologias é cada vez maior, fator que pode contribuir para potencializar as enfermidades.

Há também a contaminação metafísica, os pensamentos negativos gerados no esteio do ódio, rancor, intolerância. Estes podem se reverter em processos somatizados, e, ao mesmo tempo fixarem-se no Inconsciente Coletivo. Os rosacruzistas, ao praticarem a Alquimia Espiritual, atuam na construção e consolidação dos pensamentos positivos.

A Saúde merece um olhar especial, pois está mercantilizada pelos efeitos da especulação econômica, pois “a doença é o fundo de comércio dos grandes laboratórios farmacêuticos” (idem, pág.23).

Assim é fundamental que os seres humanos percebam que, a despeito dos avanços no campo da saúde, é a conexão dos seres humanos com a terra que promove as curas, pois, sem a natureza, o ser humano não é nada.

A Terra é o berço da evolução humana. Por isso é fundamental recolocar no devido lugar o ternário que fundamenta as tradições esotéricas: Humanidade, Natureza (Ecologia) e Divindade (Espiritualidade) (idem, pág. 24).

Assim nessa terra una, todos os seres têm seu lugar no grande esquema da Evolução, amalgamados pela mesma Força Vital. Não há dúvida de que os seres humanos são os mais avançados, mas isso não lhes dá nenhum direito sobre os demais seres do planeta, pelo contrário, traz deveres.

Em conclusão o *Appellatio* estabelece uma ordem de prioridade aos três chamados. Compreende que o vetor dos três apelos é a espiritualidade, todavia se houver a necessidade de estabelecer uma ordem a que deve prevalecer é: 1º - **Ecologia** – planeta, natureza, e ser humano; 2º - **Humanismo** – o ser humano no coração da vida social; 3º - **Espiritualidade** – é impossível provar a existência da alma e de Deus.

Em síntese: Trata-se de um documento escrito em linguagem direta (dissertativo) que aprofunda o documento anterior (*Positio*), focalizando três elementos considerados fundamentais para resolução da crise contemporânea vivida pela humanidade: espiritualidade, humanismo e ecologia. O elemento mais arrojado da proposição está na defesa hierarquizada dos elementos apresentados, estando a ecologia e o humanismo em prioridade frente a espiritualidade.

3.3 – AS NOVAS BODAS ALQUÍMICAS DE CHRISTIAN ROSENKREUTZ

O documento recorre a um refinado grau de simbolismo, à semelhança de seu correlato do século XVII. Uma vez mais, na introdução, os manifestos históricos são evocados. Apesar de ser um manifesto, ou seja, um documento público onde se apresenta o posicionamento da organização o “Novas Bodas” é altamente simbólico, necessitando de uma chave hermética de leitura para abri-lo. Portanto, diferente dos documentos anteriores, trata-se de um documento efetivamente esotérico, que se abre apenas ao iniciado e não ao público em geral, talvez como forma de atrair os interessados para a organização.

Desta forma, como recurso linguístico, a autoria do documento é atribuída à reencarnação de Christian Rosenkreutz, reencarnado em 13 de dezembro de 1982. A primeira pista do jogo esotérico proposto e que, portanto, se deve procurar decifrar é que fato histórico, esotérico, astrológico ocorreu nessa data? Depois o autor revela um sonho ocorrido em 20 de março de 2015, a segunda pista.

Com este introito o autor apresenta seu sonho descrito em elementos simbólicos semelhantes aos do manifesto do século XVII, ou seja, “sete etapas”, no qual se vê no interior de um “ovo de cristal” repleto de símbolos que passa a descrever ao leitor, de modo a instigá-lo à busca pela interpretação. As etapas são sempre terminadas pela expressão latina *...cosmica lex successit*, bem conhecida dos rosacruzes, mas, diferentemente dos documentos anteriores, não se oferece uma tradução.

Ao final o documento abre-se, ao menos parcialmente ao leitor, afirmando que os rosacruzes estão interessados na alquimia interior, ou seja, na busca da sabedoria. Retomam-se, então, os dois manifestos publicados pela AMORC, terminando com um “convite sutil” para que o leitor, no caso de interesse, possa se tornar membro da organização.

O documento é finalizado com um ato simbólico, na escrita hermética dos rosacruzes, no idioma francês, bem como com o ano simbólico de sua publicação.

Em síntese: Trata-se de um documento metafórico (alegoria) em que a AMORC apresenta-se como

caminho (escola) para o autoconhecimento, para o desenvolvimento da espiritualidade de modo a levar seus membros ao desenvolvimento de postura que proporcione a sustentabilidade planetária.

4. A CARTA DA TRANSDISCIPLINARIDADE

Em novembro de 1994 o *Centre International de Recherches et d'Etudes Transdisciplinaires* (CIRET) e a *United Nations for Education Science and Culture* (UNESCO), realizaram em Portugal, no Convento de Arrábida, com apoio governamental, o “I Congresso Mundial da Transdisciplinaridade”.

Dentre os participantes estavam o filósofo francês Edgar Morin, o artista português Lima de Freitas, o físico romeno Bassarab Nicolescu, o matemático brasileiro Ubiratan D’Ambrósio, entre tantos outros participantes.

Ao final do congresso, que durou cinco dias¹¹, foi produzido um documento que se tornou seminal para uma revisão paradigmática da sociedade e, sobretudo, na produção de conhecimentos. Trata-se da “Carta da Transdisciplinaridade” muito usada no meio acadêmico brasileiro.

O breve documento traz sete considerações que justificam sua existência e seus quinze artigos.

11 De 2 a 7 de novembro de 1994.

As considerações enfatizam que: a) A produção de conhecimento cresce exponencialmente o que impossibilita uma visão global do mesmo; b) O mundo passa por conflitos que ameaçam a continuidade material e espiritual dos seres humanos, potencializados por uma tecnociência baseada na eficácia pela eficácia; c) A cisão entre um ser interior empobrecido e um conhecimento cada vez mais acumulativo leva ao obscurantismo; d) A desigualdade aumenta, na mesma medida em que os saberes crescem; e) Apesar de tudo há esperança; o crescimento dos saberes pode levar à evolução.

Os artigos trazem as seguintes proposições: 1) Não é possível reduzir os seres humanos a conceitos; 2) A realidade é composta em níveis de realidades; a transdisciplinaridade (TD) complementa a disciplinaridade e visa à abertura para o que as disciplinas têm em comum; 4) O ponto de sustentação da transdisciplinaridade está na unificação semântica e prática dos conceitos, pois o formalismo excessivo, o exagero da objetividade e a rigidez das definições, levam ao empobrecimento e exclusão do sujeito; 5) A TD é aberta, ultrapassa as ciências exatas, pois dialoga com as ciências humanas, a arte, a literatura, a poesia e a experiência interior; 6) A TD é multirreferencial, multidimensional; 7) TD não é nova religião, ciência, filosofia, metafísica, nem ciência das ciências; 8) A dignidade humana é cósmica e planetária. Todo ser humano é um ser planetário e membro de uma nação; o objetivo da TD é o reconhecimento do direito internacional à dupla cidadania; 9) A TD é aberta ao mito e às religiões; 10) Para a TD não existe lugar cultural privilegiado; 11) A educação deve ensinar a contextualizar,

concretizar e globalizar¹², relativizando o papel da intuição, do imaginário, da sensibilidade e do corpo; 12) A economia deve estar a serviço do humano; 13) A ética TD respeita a alteridade e recusa toda atitude que se negue ao diálogo; 14) Rigor na argumentação, abertura ao desconhecido e tolerância ao dissenso são fundamentais para TD.

Em síntese: Trata-se de um documento escrito em linguagem direta (dissertativo) voltado para o mundo acadêmico (produção de conhecimento) colocando a transdisciplinaridade como abordagem para conciliação de uma visão integral na produção de conhecimentos de forma a reduzir as desigualdades que não se centram exclusivamente na produção científica, mas decorrem de sua visão fragmentada.

5. PERSPECTIVAS ÉTICAS DA CONVERGÊNCIA ENTRE OS MANIFESTOS DA AMORC, A CARTA TD E OS DIREITOS HUMANOS

Até o momento neste artigo analisaram-se os três Manifestos Rosacruz históricos, os três Manifestos Rosacruz da AMORC e a Carta da Transdisciplinaridade. Cumpre-nos agora estabelecer as convergências entre os documentos. Isso se fará à luz da Ética e dos Direitos Humanos. Para tanto nos apoiaremos principalmente na *Declaração Universal dos Direitos Humanos – DUDH* (ONU, 1948).

12 Na carta usa-se o termo globalização, todavia, como este termo passou a ter uma conotação negativa, centrada em perspectivas homogeneizantes, compreendemos que se trata mais de uma “planetarização” onde se enfatiza a preservação da diversidade.

A DUDH foi promulgada pela Assembleia Geral da ONU em dezembro de 1948; seu fomento se deu em razão dos horrores promovidos, sobretudo, pelo nazismo durante a 2ª Guerra Mundial. Trata-se do documento mais traduzido do mundo, em mais de 360 idiomas, sendo complementada por outros documentos que visam sua regulamentação em âmbito mundial. A DUDH possui impacto na legislação de diferentes países, inclusive no Brasil, em função de sua condição de membro da organização, sendo tradicionalmente o país que faz o primeiro discurso na Assembleia Geral.

A DUDH traz em sua essência a preservação de Direitos. Assim, parece útil que se possa diferenciar Direito, Moral e Ética (GOLDIN, 2003), pois existem aproximações e distanciamentos entre esses conceitos que podem gerar contradições e/ou conflitos.

Moral e Direito centram-se na instituição de regras, enquanto a Ética situa-se no campo da reflexão.

A Moral é de “foro privado”, à medida que está centrada nos costumes, ou seja, refere-se aos valores culturais herdados, independe das fronteiras geográficas, estando ligada a grupos culturais, étnicos, religiosos que partilham de referências comuns, por exemplo, os Cristãos, o Islã, os Iorubás, os Guaranis etc. cuja moral (código) transcende às fronteiras nacionais.

O Direito é de “foro público” (político), à medida que se refere às leis do Estado construídas pelo embate/conquista político(a), estando circunscrito(a) às fronteiras geográficas

da nação (país – países, estados, municípios) que o(a) adota. Vale, portanto, apenas para áreas especificamente determinadas. No caso da DUDH sua região é equivalente à região geográfica de todos os países que são membros da ONU, portanto, trata-se de uma norma internacional.

Há sempre uma tensão entre o Direito (político) e a Moral (costumes). Por exemplo, o sistema de castas foi extinto na Índia pela lei (direito), mas continua a vigorar nos costumes sociais/religiosos (tradição).

Enquanto a Moral e o Direito são instituídos como norma (impostos pelos costumes e/ou pela lei), ou seja, são regras preestabelecidas que “devem/podem” ser cumpridas; a Ética é da ordem da consciência, da reflexão filosófica sobre a existência. Refere-se, portanto, à ação de construção do humano, seu foco não é estabelecimento de regras, mas sua análise. Procura, portanto, estudar como as regras se instalam e quais os princípios que as fundamentam e, neste sentido, explicar o Direito e a Moral. Desta forma, possui um elemento “espiritual”, pois fomenta a compreensão do sentido da vida que está contido nas normas. Portanto, é no âmbito da ética a reflexão que se apresenta a seguir.

A DUDH é fruto de um acordo internacional e se coloca, por conseguinte, acima dos costumes e da moral. Fundamenta-se no reconhecimento da dignidade, do respeito à condição humana, alicerçados sobre a perspectiva utópica de liberdade, igualdade e fraternidade.

A forma de os Estados nacionais membros da ONU garantirem os DH se dá a partir da instituição de processos de educação e ensino, respaldados por leis que possam preservá-los e promovê-los.

Assim, a DUDH enfatiza que os seres humanos nascem livres e iguais e devem se relacionar de forma fraterna. Portanto, nenhuma discriminação pode ser praticada sobre a diversidade de raça (etnia), cor, sexo, idioma, religião ou opinião. Todos têm direito à vida (saúde), à segurança e à educação, que devem ser garantidos pelo Estado que, por sua vez, deve ser gerido pela vontade do povo, portanto, pelo sistema democrático.

A família¹³ é a célula básica da sociedade e o direito à infância deve ser assegurado.

A escravidão e a tortura são terminantemente proibidas¹⁴.

Todos têm direito ao emprego, ao descanso, ao lazer, à vida cultural e de participarem do desenvolvimento científico.

Num primeiro nível de análise sobre os documentos considerados para esta apresentação, cabe afirmar que todos eles - os Manifestos da AMORC, a Carta da Transdisciplinaridade – são documentos complementares à DUDH. Além disso, os Manifestos da AMORC têm um caráter mais abrangente que a Carta da TD que é mais centrada na produção de conhecimentos. Esta função

13 Vale destacar que não se defende um tipo de família (tradicional ou progressista), mas o fundamento do cuidado que a família proporciona.

14 Apesar de o Brasil ser signatário do documento desde 1948, isso não impediu a instituição de uma ditadura civil-militar que vigorou no país de 1964 a 1984 onde se praticou a supressão de Direitos e a tortura.

torna-se basilar para a URCI como universidade livre, cuja produção de conhecimentos “procura contribuir na construção de uma sociedade justa, possuidora de valores éticos que reflitam uma cultura de paz, humanismo e respeito à liberdade de pensamento”¹⁵.

É bastante importante compreender que documentos que enunciam princípios, como os Manifestos, apresentam diretrizes que orientam o caminho de construção de diferentes dimensões humanas. Grosso modo, um caminho que visa alertar para o paradoxo da condição humana, ou seja, a dualidade existente entre o humano e o animal a ele inerente; entre a autoconsciência, a fraternidade, a tolerância e o altruísmo, que são a essência do “Ser Humano”; e a inconsciência, o desejo animalesco, egoísta, insaciável, destruidor, agressivo que são a essência do “Ser animal”. Neste sentido, entende-se que o potencial humano é inigualável tanto para o bem, quanto para o mal. Portanto, é o processo de humanização, de conscientização, de construção de si mesmo, de autoconsciência que proporciona o equilíbrio entre essas tendências naturais. Isto, por si só, justifica a existência de tais documentos. Neste sentido esse parece ser o foco simbólico principal apresentado pela “alquimia” proposta no manifesto “As Novas Bodas Alquímicas”¹⁶.

15 Missão da URCI, disponível em <http://urci.org.br/historico/> acessado em 15/08/2016.

16 Vale destacar que todo o processo iniciático promovido pela AMORC em suas iniciações visa ao despertar de tais características que podem ser apreendidas pelos inúmeros juramentos e promessas feitas durante tais rituais.

Já o *Posito e o Appellatio*, assim como a Carta da TD, fazem uma análise de conjuntura antes de iniciarem suas proposições. Em tal análise, um dos focos principais recai sobre a necessidade de uma revisão do modelo econômico¹⁷ fato que ameaça a continuidade da humanidade, pois centrado numa exploração predatória da natureza e das relações humanas.

Os documentos rosacruz da AMORC enfatizam a importância da espiritualidade – busca de sentido –, a compreensão da integralidade do humano em sua vinculação com a “mãe Terra”. A necessidade de compreensão de Deus pela ciência e não apenas pela fé religiosa, que, aliás, avaliam como em decadência. Por isso a organização fundou uma universidade, a URCI¹⁸. Portanto, enfatizam a necessidade de uma “nova ciência” que não seja excessivamente reducionista (monológica), elemento que se coaduna perfeitamente com a Carta da TD na medida em que esta, ao voltar-se para a produção de conhecimentos, prega a “reconciliação” da ciência com as artes, e a experiência espiritual. Assim, afirmam uma ciência focada numa construção transdisciplinar.

Apresenta-se, também, a necessidade de aprimoramento da democracia. Tal elemento não está tão explícito na Carta TD, mas pode ser depreendido desta, à medida que enfatiza a importância do direito internacional, o direito à dupla cidadania e a dignidade cósmica e planetária dos seres humanos.

17 Centrado no consumismo, capitalismo, neoliberalismo e tecnicismo que subordinam o humano ao econômico.

18 Universidade Rose-Croix Internacional, cujo nome em francês foi definido pelo fundador da AMORC, Harvey Spencer Lewis em 1934 possivelmente uma homenagem à *Grande Looge Belge de la Rose-Croix Universitaire* (BERNI, 2010b).

No que diz respeito ao humanismo, conforme apregoa a DUDH, a busca da “felicidade” humana, o *Appellatio* é absolutamente fundamental. O documento, exemplo do manifesto anterior, dá grande ênfase à espiritualidade¹⁹, ao humanismo e à ecologia. Mas, de forma corajosa, estabelece uma hierarquia que coloca a ecologia em primeiro lugar, o humanismo em segundo, por último, a espiritualidade que está no fundamento da organização. Esta postura que relativiza o papel da espiritualidade numa organização “espiritual” se coaduna perfeitamente com a Carta da TD que igualmente enfatiza o equilíbrio dos diferentes saberes.

CONCLUSÃO

Neste artigo procurou-se encontrar as convergências entre os Manifestos Rosacruz da AMORC e a Carta da Transdisciplinaridade, do ponto de vista da Ética e dos Direitos Humanos. Para tanto, retomaram-se os Manifestos históricos do Rosacrucianismo; os Manifestos da AMORC; a Carta da Transdisciplinaridade e a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

19 Vale destacar o sentido duplo atribuído à palavra espiritualidade no *Appellatio*. Num primeiro momento, afirma-se a espiritualidade como busca de sentido último da existência, o que não necessariamente se faz por meio da relação com a divindade – Deus. Todavia, ao afirmar com veemência a existência de Deus, o “apelo” revela um segundo sentido atribuído ao termo, ou seja, aquele que comumente é atribuído, portanto, o entendimento de que espiritualidade significa a busca do sentido da vida por meio da transcendência que possibilita a “comunhão” com a divindade.

Afirmou-se, desde o primeiro momento, como hipótese de trabalho, a existência de convergências entre os documentos, elementos que se confirmam pela análise de conteúdo.

O Manifesto *Appellatio* torna-se central no posicionamento da AMORC, pois atua como pivô ao estabelecer, por um lado, uma ponte acadêmica com o surgimento do Rosacruzianismo histórico, ao reconhecer o Círculo de Tübingen como a origem do Movimento, e por outro, ao catalisar os elementos críticos apresentados de forma dispersa no *Positio* e estruturá-los em três grandes eixos (espiritualidade, humanismo e ecologia) como polos de um processo de retroalimentação e, portanto, de sustentabilidade.

A despeito da espiritualidade, humanismo e ecologia serem apresentados de forma interdependente (integrada), no *Appellatio* a AMORC firma um posicionamento político ao instituir uma ordem de prioridade (hierarquia) entre eles. Assim, subverte a ordem naturalmente implícita a uma organização de origem espiritual e coloca a ecologia em lugar de predominância, sobre o humanismo e a espiritualidade. Esta última ocupando a derradeira posição, o que confere ao posicionamento assumido um lugar altamente arrojado (progressista) na sociedade contemporânea, pois alinhado às perspectivas laicas que subordinam as crenças aos Direitos Humanos.

A atribuição dada à universidade, no caso à URCI, nesta articulação é bastante importante, pois a entidade deve atuar como mediadora do diálogo entre a espiritualidade e a

ciência de modo a reforçar o posicionamento laico adotado publicamente pela AMORC. Neste sentido, a produção de conhecimento, pela via transdisciplinar – proposta fundamental na jurisdição de língua portuguesa – parte da “suspensão metodológica do transcendente” (ZANGARI, MACHADO, 2016), ao se enfatizar a necessidade de se compreender a Leis de Deus, leis naturais, que regem o universo e a realidade que, por sua vez, se coaduna com a Carta da Transdisciplinaridade em todas as suas dimensões (artigos).

Assim, a AMORC vem se posicionamento de forma comprometida com o bem-estar social, pois focada na integralidade do Ser. É isso que enfatiza sua principal liderança:

Quando lançamos um manifesto, nosso objetivo é o de conclamar a todos, homens e mulheres de boa vontade, a se engajarem efetivamente em uma cruzada em defesa da vida, não só a vida presente, mas também as futuras no nosso Planeta. **Christian Bernard, 4º *Imperator* da AMORC**²⁰

20 Discurso proferido no parlamento brasileiro em 2012.

REFERÊNCIAS

- Antiga e Mística Ordem Rosacruz, AMORC. *A Trilogia dos Rosacruzes*. Curitiba: AMORC, 1998.
- _____. *Manual Administrativo Ritualístico*. Curitiba: AMORC, 2000. (documento).
- _____. *Positio Fraternitatis Rosae Crucis*. Curitiba: AMORC, 2001 (Manifesto).
- _____. *Exortação para uma Ecologia Espiritual*. Curitiba: AMORC, 2012 (Folheto)
- _____. *Appellatio Fraternitatis Rosae Crucis*. Curitiba: AMORC, 2015 (Manifesto).
- _____. *As Novas Bodas Alquímicas de Christian Rosenkreutz*. Curitiba: AMORC, 2016 (Manifesto).
- BERNARD, C. *Apresentação no Senado Brasileiro*. Discurso proferido na Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional do Senado da República do Brasil, Requerimento 54 de 2011, solicitado pelo Senador Mozarildo Cavalcanti, Diário do Senado Federal – Suplemento de 23 de dezembro de 2011. ATA DA 22ª REUNIÃO, EXTRAORDINÁRIA, DA COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DEFESA NACIONAL DA 2ª SESSÃO LEGISLATIVA ORDINÁRIA DA 54ª LEGISLATURA, REALIZADA EM 26 DE ABRIL DE 2012, QUINTA-FEIRA, APÓS A 21ª REUNIÃO, NA ALA SENADOR ALEXANDRE COSTA, PLENÁRIO Nº 07.
- BERNARD, R. *Mensagens do Sanctum Celestial*. Rio de Janeiro: Renes, 1973
- _____. *Novas Mensagens do Sanctum Celestial*. Rio de Janeiro: Renes, 1974.
- BERNI, LEV. Religião e Psicologia: Qual a Relação e os Limites entre esses Conhecimentos? In: Conselho Regional de Psicologia de São Paulo (CRP SP). *Laicidade, Religião, Direitos Humanos e Políticas Públicas*. São Paulo: CRP SP, 2016. Col. Psicologia, Laicidade e as Relações com a Religião e Espiritualidade. v.1.
- _____. Questão da Espiritualidade em Políticas Públicas de Saúde: Um problema de Interpretação para o Estado Laico. In: Conselho Regional de Psicologia de São Paulo (CRP SP). *Laicidade, Religião, Direitos Humanos e Políticas Públicas*. São Paulo: CRP SP, 2016(b). Col. Psicologia, Laicidade e as Relações com a Religião e Espiritualidade, v.1

- _____. Onze perguntas que os cientistas não responderam, mas a AMORC ousou responder. *Fórum Rosacruz*, 01/2010. Curitiba: AMORC, 2010.
- _____. *A Visão Rosacruz do Conhecimento, rumo à Transdisciplinaridade*. Curitiba: AMORC, 2010(b). Col. O Homem: Alfa e Ômega da Criação, v. 5.
- BRASIL. *Diário do Senado Federal*. Ano LXVII – Sup. “A” nº 91 – terça-feira, 19 de junho de 2012 – Brasília-DF.
- CAMPOS, C. J. G. Método de Análise de Conteúdo: Ferramenta de Análise de Dados no Campo da Saúde. *Rev. Bras. Enferm.* Brasília (DF): 2004. set/out;57(5):611-4
- CAVALCANTE, R.B, CALIXTO, P. e PINHEIRO, M.M.K, “Análise de Conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. *Inf. & Soc.:Est.* João Pessoa, v.24, n.1, p. 13-18, jan./abr. 2014.
- DISHER, J. *Antigos Manifestos Rosacruzes*. Curitiba: AMORC, 1982.
- GOLDIN, J.R. Ética, Moral e Direito, 2003. Disponível em <http://www.bioetica.ufrgs.br/eticmor.htm> ; Acessado em 16/02/2016.
- Organização das Nações Unidas, *Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH)*. Disponível em www.dudh.org.br acessado em 10/08/2016
- Organização das Nações Unidas para Educação e Ciência, UNESCO, *Carta da Transdisciplinaridade*. Disponível em <http://cettrans.com.br/wp-content/uploads/2014/09/CARTA-DA-TRANSDISCIPLINARIDADE1.pdf> . Acessado em 26/07/2016. (documento).
- NICOLESCU, B. *O Manifesto da Transdisciplinaridade*. São Paulo: TRIOM, 1999.
- PAUL, P. A Imaginação com Objeto do Conhecimento. In: SOMMERMAN, A.; BARROS, V.M, e MELLO, M.F. (org). *Educação e Transdisciplinaridade*. São Paulo: UNESCO/TRION, 2000.
- REBISSE, C. *Rosa Cruz: História e Mistérios*. Curitiba: AMORC, 2003.
- TOUSSAINT, S. *Carta Aberta dos Rosacruzes aos Cientistas* Grande Loja de Língua Francesa, dezembro de 2012 (Tradução para o português, Blás Enrique Nuñez Caballero e Fábio Mendia) disponível em <http://www.rose-croix.org/Documents/lettre-ouverte-aux-scientifiques.html>

- _____. *Profecias dos Rosacruz*: carta aos membros da jurisdição francófona. França: AMORC, 2011.
- ZANGARI, W. MACHADO, F.R. Os 10 Mandamentos da Exclusão Metodológica do Transcendente: Direitos Humanos nas Relações entre Psicologia, Laicidade e Religião. In: CRP SP. *Na Fronteira da Psicologia com os Saberes Tradicionais*: práticas e técnicas. São Paulo: CRP SP, sd. Col. Psicologia, Laicidade e as Relações com a Religião e a Espiritualidade, v. II.